

Sebastian querido,

Lembro-me da carta em que você falava dos jardins japoneses onde algum elemento está sempre cuidadosamente subtraído de nosso olhar. Sua escrita ela mesma se tornou para mim um desses jardins, escondendo algo que a faz ainda mais bela e forte. Sonhei esta noite que éramos crianças brincando neste jardim e o enchíamos de um borboleteio alegre e colorido, entre véus translúcidos e curiosos objetos (Lygia estava conosco). Subitamente vimos algo, talvez um bicho pequeno, reluzir e bater uma asa – ou coisa parecida – nos deixando imóveis.

Busco saber o que se passa entre nós, além de cartas e sonhos. Cada carta é como uma linha no espaço que vem em minha direção e se afasta, deixando um suave rastro de cor. Tento deter as palavras e elas tomam peso, graciosa e estranhamente pendendo do teto, para em seguida lançar tentáculos que tomam solidamente seu lugar no chão. Eu mesma giro em precisos movimentos e tomo, suave, algum lugar no espaço. Então você parece estar comigo (uma pele fina, uma tênue cor nos abriga).

Surgem outras pessoas, Sebastian, os outros entram nesses envelopes tão finos e eles podem ser, comigo. Abraço-os sem tocá-los, neste fugidio tecido. Pesamos, crescemos sem saber para aonde. Sabemos agora, apesar de nossa tão profunda e delicada alegria, que algo terrível já aconteceu.

De tanto reler suas cartas, acabo acreditando ser eu sua autora. Talvez fossem minhas, essas palavras ocultas que esperavam pela sua escrita. Imagino então as cartas que não recebo de você, leio-as durante minha tarde solitária. Segue uma – espero o seu envio.

Oliviavida,

Como não te vejo, você não toma um lugar definido no espaço, e portanto está em toda parte. Isso facilita bastante as coisas. O espaço à minha volta se cobre, ainda bem, de um véu que me ajuda a não ver tanto, fazendo-me entrever e perceber outras coisas que talvez tenham sempre estado ali – mas que importa, se eu mesmo não estava? Talvez seja isso, o amor: pôr-se em outro lugar – onde, estranhamente, sempre se esteve.

O outro nunca se apresenta de frente (como diz Merleau-Ponty). Só de lado há encontro, de viés, em um equilíbrio preciosamente frágil, e no entanto potente e preciso (haveria um equilíbrio cósmico? Existe, é certo, algum estranho equilíbrio dos corpos, uma pendulação não física, mas poética). Arquitetura é a construção sobre a *arché*, os vestígios da história. Uma arquitetura deve poder tecer, oblíqua, os restos de nossa infância.

Acho que já lhe contei a história do passeio de Freud por um jardim primaveril, com dois amigos que, segundo dizem, eram Rainer-Maria Rilke e Lou Andreas-Salomé. A Primeira Guerra estava em seu início. O poeta estava melancólico diante do fato de que aquela exuberância da natureza em breve feneceria. Freud respondeu que a beleza estava justamente nesta perda iminente.

Só as flores, por morrerem, podem ser belas.

Nossa pré-história é feita de magníficas formações e seres estranhos, eternos – que devemos fazer florescer. Partilhar tal eternidade talvez a faça transitória.

O que poderia ser efêmero traço dançante no espaço e, ao mesmo tempo, poderosamente ancorar-se no chão terroso da pré-história de nossas vidas? Algo enorme e tão sutil, tão íntimo e no entanto externo, nos convidando a um encontro lúcido (de luz e matéria fina, de distância e invisibilidade)? Apenas um gesto, radicalmente novo, subversivo, capaz de se multiplicar e disseminar num dado espaço. (O novo é também o que há de mais antigo, diz outro filósofo-poeta: Blanchot).

Dizem que para cada homem existe uma imagem que faz o mundo inteiro desaparecer. Talvez haja, para nós, um espaço capaz de fazer o mundo enfim aparecer.

Beijos.

De sua Olivia